

---

- **TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA I**

Coordenador(a): Antonio Barros de Brito Junior

---

### **AS RAZÕES DA INTUIÇÃO**

*Maria Helena de Queiroz*

Este estudo pretende salientar as linhas centrais do pensamento de Benedetto Croce acerca da arte, de sua recepção e do processo de criação artística. Dialogam, com as idéias de Croce, Jorge Luis Borges, Adolfo Casais Monteiro, Damaso Alonso, dentre outros autores que manifestaram interesse pela criação poética e recepção do texto literário.

### **INSTINTO DE NACIONALIDADE: A INFLUÊNCIA DAS TEORIAS POSITIVISTAS, EVOLUCIONISTAS E DARWINISTAS-SOCIAIS NA FORMAÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL**

*Rafaella Berto Pucca (UEL)*

Este trabalho tem por objetivo analisar a influência das teorias de cunho sociológico em voga no século XIX, que deram sustentação à formação da crítica literária no Brasil. Para tanto, optou-se por focalizar este empreendimento na geração intelectual de 1870, sobretudo na figura dos ditos "homens de ciência" (expressão de Sílvio Romero), na qual se inicia o prelúdio de uma criteriologia para a interpretação do valor literário, embasada na aceitação das teorias científicas

em questão que, mesmo com o passar do tempo, e agora vendo a atividade de análise mais estruturada com métodos e estratégias de aferição ao fenômeno literário, ainda mantém certo vestígio na atividade da crítica atual. Enfim, a intenção é mostrar que a predominância da escola sociológica para a compreensão do fenômeno literário é uma herança que trazemos de nosso passado e que muito dificilmente conseguimos escapar devido ao fato de ser a opção que melhor desenvolvemos na história de nossas letras, contudo, devemos estar atentos à aversão que às vezes produzimos quando entramos em contato com outras tendências, hoje muito estudadas, que dão maior atenção às possibilidades interpretativas oriundas do estilo, da estética e da linguagem de um texto.

## **OBRA ABERTA: APONTAMENTOS PARA UMA TEORIA DA VANGUARDA LITERÁRIA NOS TRABALHOS TEÓRICO-CRÍTICOS DE UMBERTO ECO**

*Antonio Barros de Brito Junior (UNICAMP)*

Neste trabalho, pretendo desenvolver a noção de vanguarda literária segundo os trabalhos críticos de Umberto Eco, especialmente nos seus livros *Obra aberta* (1962), *Apocalípticos e integrados* (1964), *A definição da arte* (1968) e *O Super-homem de massa* (1978). Pretendemos, com isso, analisar em que medida a dicotomia "obra aberta" e "obra fechada", estabelecida em Eco (1962), pode ser confrontada com outra dicotomia, traçada em Eco (1964), entre procedimentos artísticos de vanguarda, de um lado, e, de outro, a poética do Kitsch, a fim de estabelecer relações dialéticas entre os conceitos opostos dentro de cada uma e também entre as duas dicotomias. Dessa forma, pretendemos verificar a hipótese segundo a qual a oposição de uma poética da abertura a uma poética do embuste ajuda a esclarecer a idéia de uma vanguarda literária na contemporaneidade. Para isso, lançaremos mão, também, de seus trabalhos na área da semiótica, textos esses que fundamentam o seu ponto de vista.

## **OS DESDOBRAMENTOS DO CONCEITO DE INTERPRETAÇÃO EM MICHEL FOUCAULT E ROLAND BARTHES**

*Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (UNESP)*

A partir de alguns textos de Michel Foucault e, principalmente, de Roland Barthes, esta comunicação desenvolve uma reflexão sobre o conceito de interpretação. Ao perscrutar os vários desdobramentos dos dois teóricos acerca desse conceito, é possível reconsiderar - suspender - a idéia de crítica como duplicação da palavra, passando-se a reconhecê-la como lugar privilegiado de dispersão da escrita. A idéia de dispersão está fundada numa concepção de crítica em que se rompe a distinção entre "texto primeiro" (literatura) e "texto segundo" (crítica), pois, uma vez que se rompe a busca de um sentido, resta à crítica afirmar o "ser da pluralidade". Tanto em Foucault como em Barthes a interpretação, de base nietzscheana, suspende-se sobre si mesma, incapacitada que está em assinalar uma palavra final, derivando sempre um sem-fim de retornos. A origem é negada tanto em um como em outro, uma vez que não se reconhece mais o autor como aquele que detém o sentido. Considerar a figura do autor é deixar aberta a possibilidade de o biografismo tomar conta da análise, embora se conviva sempre com a incômoda suspeita de que não fazemos mais do que validar essa figura. Boa parte das leituras funda-se sob a égide do autor, mascarando uma relação que não cessa de se repetir. Portanto, na ênfase de tais questões, procura-se desarticular a noção de crítica forjada sobre a vontade de estabelecer verdades, o que, em última instância, interromperia a infinitude das interpretações.